

# COMPORTAMENTO AUTOLESIVO ENTRE ADOLESCENTES E SUA RELAÇÃO COM O CONTEXTO ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Graciela de Jesus<sup>1</sup>  
Patrícia Petitinga Silva<sup>2</sup>

## Resumo

O comportamento autolesivo vem preocupando pais e professores, devido ao crescimento de casos entre adolescentes. Neste sentido, a presente pesquisa objetiva analisar o que leva adolescentes a praticarem o comportamento autolesivo e sua relação com o contexto escolar. Foi realizada uma revisão bibliográfica na base de dados Google Acadêmico, considerando os artigos científicos publicados no período 2017-2020. Trata-se, portanto, de pesquisa bibliográfica exploratória, de cunho qualitativo. Foram selecionados 19 artigos para análise e os resultados apontam que o crescimento do comportamento autolesivo apresenta diversas causas, a exemplo de distúrbios emocionais, psicológicos e problemas familiares. Portanto, é preciso desenvolver projetos na área de prevenção e tratamento, bem como alavancar as discussões sobre a temática, visto que são poucos os trabalhos nesta área. Sendo assim, é necessário trazer este diálogo para o espaço acadêmico, para fortalecer o aprendizado e preparar futuros professores e a comunidade escolar, alertando que o problema do comportamento autolesivo existe e pode ser evitado a partir de intervenções planejadas.

**Palavras-chave:** Comportamento autolesivo. Adolescentes. Ambiente escolar.

## Abstract

---

<sup>1</sup> Licenciada em Biologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: [grasielladejesusgab@hotmail.com](mailto:grasielladejesusgab@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora adjunta do curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Professora permanente do Programa de Pós-graduação em estudos Interdisciplinares sobre a Universidade da UFBA. E-mail: [patpetitinga@ufrb.edu.br](mailto:patpetitinga@ufrb.edu.br)

Self-injurious behavior has been worrying parents and teachers, due to the growth of cases among adolescents. In this sense, the present research aims to analyze what leads adolescents to practice

self-injurious behavior and its relationship with the school context. A bibliographic review was carried out in the Google Scholar database, considering the scientific articles published in the period 2017-2020. It is, therefore, exploratory bibliographic research, of a qualitative nature. 19 articles were selected for analysis and the results indicate that the growth of self-injurious behavior has several causes, such as emotional and psychological disorders and family problems. Therefore, it is necessary to develop projects in the area of prevention and treatment, as well as to leverage discussions on the subject, since there are few works in this area. Therefore, it is necessary to bring this dialogue to the academic space, to strengthen learning and prepare future teachers and the school community, warning that the problem of self-injurious behavior exists and can be avoided through planned interventions.

**Keywords:** Self-injurious behavior. Adolescents. School environment.

## **Introdução**

As primeiras referências na literatura acadêmica sobre o comportamento autolesivo, mais especificamente a automutilação, deram-se no início da metade do século XIX. Segundo Turner (2002), o primeiro trabalho sobre automutilação, publicado na literatura médica em 1846, foi o relato do caso de uma viúva maníaco-depressiva, de 48 anos, que removeu seus próprios olhos. De acordo com Santos e colaboradores, (2019), a automutilação tem sido alvo de um crescente número de estudos interessados em compreender o impacto deste tipo de comportamento na vida das pessoas que se automutilam.

Além de automutilação, segundo Santos e colaboradores (2019), a literatura contempla um número significativo de terminologias diferentes para o comportamento autolesivo: autolesão, ideação não suicida e comportamento sem intencionalidade suicida. Na literatura anglo-saxônica, por exemplo, existem duas formas de definição para o comportamento autolesivo (GUERREIRO; SAMPAIO, 2013): o comportamento autolesivo deliberado, que é definido pelos métodos de autolesão, sem diferenciar se o comportamento é ou não suicida, evitando a questão da

intencionalidade; e o comportamento autolesivo sem a ideação suicida, que é definido como lesionar seu próprio corpo, causando a destruição dos tecidos corporais, sem a intenção de cometer o suicídio. Neste caso, o comportamento autolesivo sem intencionalidade suicida ocorre por meio de arranhões, queimaduras, excesso de substâncias ilícitas e lícitas, cortes na pele entre outros.

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2014), a violência dirigida a si mesmo (auto-infligida) está relacionada a dois conceitos: com ideação suicida e sem esta intencionalidade. Jorge, Queirós e Saraiva (2015) descrevem o comportamento autolesivo sem intenção suicida como a intenção de provocar ferimentos no seu próprio corpo, como uma conduta autolesiva que surge como um modo de expressão do corpo, pelo corpo e que devem ser “descodificados”. Estes autores explicam, ainda, que o comportamento autolesivo é o ato que o indivíduo tem de causar danos a seu próprio corpo para o alívio de uma dor emocional, e isto vem crescendo entre adolescentes.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, BRASIL, 1990), a adolescência é uma fase dos 12 aos 18 anos em que o desenvolvimento humano se dá de modo muito complexo, pois é o período em que o sujeito passa por transformações. Formigli, Costa e Porto (2000) argumentam que estas transformações na adolescência são significativas, com mudanças corporais, psicológicas e econômicas, além de ser um importante período de construção identitária diante das relações sociais, provocando alterações de personalidade, problemas sociais e familiares. Frente a isso, Cedaro e Nascimento (2013) afirmam que muitos outros fatores de risco podem desencadear o comportamento autolesivo em adolescentes, como o consumo de substâncias que influenciam no funcionamento do cérebro e transtornos psiquiátricos.

Santos e Faro (2018), em estudo, também observaram que o estresse relacionado ao uso de substâncias psicoativas pode desencadear o comportamento autolesivo, além de algumas doenças endócrinas, da alteração hormonal e da síndrome pré-menstrual. Por isso, Chaves, Brock e Volpi (2019) afirmam que as mudanças fisiológicas e psicossociais que emergem na adolescência precisam ser acompanhadas, bem como as influências que os adolescentes recebem em ambientes sociais, em especial, na escola.

Sant'Ana (2019) explica que, recentemente, tem havido um aumento de casos de comportamentos autolesivos nas escolas e que são divulgados em mídias sociais, levando a uma preocupação de pesquisadores em estudar esse tema. Estes estudos apontam que o ambiente escolar e familiar são decisivos na prevenção e no combate ao comportamento autolesivo, pois atuam na

formação dos adolescentes. A escola pode ser uma grande aliada, uma vez que os estudantes passam uma boa parte de seu tempo semanal em sua dependência e podem manifestar sinais, mesmo sem intenção, que evidenciem o comportamento autolesivo, permitindo a identificação deste comportamento e a tomada de medidas necessárias (SILVA; SIQUEIRA, 2017).

De acordo com Salles e Silva (2008), pode-se dizer que a escola tem a tarefa de formar os sujeitos, mas, nessa formação, existem muitos desafios. É muito importante ajudar os adolescentes a saberem lidar com as adversidades do cotidiano e com as diferenças pois, como já assinalamos, ocorrem mudanças biológicas, físicas e emocionais que interferem nesse processo. Ao discutirem como lidar com a diferença na escola, estes autores explicam que nas escolas, os adolescentes e jovens interagem com outros, adolescentes e jovens, que são diferentes deles ou de seu grupo de referência em função, entre outros aspectos, da cor, da sexualidade, da nacionalidade, do corpo, da classe socioeconômica. No espaço escolar essa interação com o diferente, quando não é problematizada, se dá por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência. (SALLES; SILVA, 2008, p.150).

Portanto, entre as principais funções da escola e da família, nesse contexto da diferença, destacam-se o cuidado, a socialização, o conhecimento, a afetividade, a empatia e a proteção. Essas funções são importantes para o desenvolvimento dos adolescentes, fazendo com que se sintam confiantes.

Diante destas considerações, buscou-se, nesta pesquisa, reunir dados e informações a fim de responder ao seguinte problema: por que adolescentes praticam o comportamento autolesivo e qual a relação deste comportamento com o contexto escolar? Desta forma, este trabalho tem como objetivo analisar as causas que levam adolescentes a praticarem o comportamento autolesivo e sua relação com o contexto escolar, identificando estratégias de prevenção e tratamento.

### **Percurso metodológico**

Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, exploratória, de cunho qualitativo, buscando analisar causas que levam os adolescentes a praticarem o comportamento autolesivo e sua relação com o contexto escolar, identificando estratégias de prevenção e tratamento.

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizado um levantamento de artigos que

discorriam sobre o comportamento autolesivo entre adolescentes, utilizando a base de pesquisa *Google Acadêmico* (<https://scholar.google.com.br/?hl=pt>), considerando o período entre 2017 e 2020, na qual utilizou-se os seguintes descritores para a busca: “Comportamento autolesivo” + adolescentes + escola.

Foram encontrados, aproximadamente, 188 trabalhos publicados. Entretanto, a maior parte destes eram trabalhos de conclusão de cursos de graduação, dissertações, teses e outros documentos. Como o foco do trabalho era a análise de artigos científicos, os outros tipos de estudos foram desconsiderados. Assim, dos 188 trabalhos levantados inicialmente, apenas 45 artigos científicos foram considerados nesta primeira análise.

Uma segunda análise foi realizada nestes 45 artigos, por meio da leitura dos resumos. Desse modo, foram desconsiderados aqueles artigos que não atendiam à questão norteadora do estudo, tendo em vista que a pesquisa trata do comportamento autolesivo sem intencionalidade suicida. Também foram eliminados aqueles que estavam em duplicidade e, dessa maneira, 19 artigos foram selecionados para o estudo.

Nestes 19 artigos, foram realizadas leituras sistemáticas buscando analisar causas que levam os adolescentes a praticarem o comportamento autolesivo e sua relação com o contexto escolar, bem como as estratégias de prevenção e tratamento. Neste sentido, apresentaremos a seguir um quadro síntese dos trabalhos analisados neste estudo.

### **Caracterização geral dos trabalhos analisados que tratam sobre o comportamento autolesivo**

Os trabalhos analisados por meio da revisão bibliográfica realizada estão apresentados no Quadro 1.

**Quadro 1-** Trabalhos publicados entre os anos de 2017 e 2020 que tratam do comportamento autolesivo

<b>Autores</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Objetivo do trabalho</b>	<b>Periódico</b>	<b>Ano de publicação</b>
----------------	---------------------------	-----------------------------	------------------	--------------------------

SILVA; SIQUEIRA	O perfil de adolescentes com comportamento de autolesão identificados	Caracterizar o perfil predominante dos casos de autolesão	Revista Farol	2017
	nas escolas estaduais em Rolim de Moura-RO	identificados nas escolas estaduais em Rolim de Moura-RO.		
LIMA; BARREIRA; CASTILHO	A influência de fatores sociodemográficos na expressão de comportamento autolesivo não suicidário (NSSI) em adolescentes portugueses	Identificar a frequência e os tipos de autodanos praticados por adolescentes portugueses e analisar a influência de variáveis sociodemográficas na prática deste comportamento.	Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente	2017
FONSECA <i>et.al</i>	Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes	Avaliar a frequência e as características da autolesão entre adolescentes.	Arquivos Brasileiros de Psicologia	2018
RAUPP; MARIN; MOSMANN	Comportamentos autolesivos e administração das emoções em adolescentes do sexo feminino	Caracterizar a prática de comportamentos autolesivos em adolescentes por meio da investigação da expressão e administração das emoções.	Psicologia Clínica (PUCRJ)	2018
		Reunir os principais conceitos e achados teóricos sobre a conduta autolesiva, classificando e descrevendo o comportamento autolesivo em relação aos períodos		

SANTOS; FARO	Aspectos conceituais da conduta autolesiva: Uma revisão teórica	desenvolvimentais, principais fatores associados, formas de avaliação, tratamento/intervenção e prevenção.	Psicologia em Pesquisa	2018
TARDIVO <i>et.al</i>	Autolesão em adolescentes, depressão e ansiedade: um estudo compreensivo	Aprofundar o conhecimento de aspectos psicológicos, como a visão de si, do mundo, das relações, angústias e emoções, e identificar sinais de depressão e ansiedade em adolescentes com condutas de autolesão.	Boletim - Academia Paulista de Psicologia	2019
REIS <i>et.al</i>	Comportamentos autolesivos nos adolescentes: resultados do estudo HBSC 2018	Avaliar a prevalência de comportamentos autolesivos em adolescentes portugueses.	Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente	2019
CHAVES; BROCK; VOLPI	O comportamento autolesivo na adolescência: uma revisão integrativa da literatura	Realizar uma revisão integrativa da literatura sobre o comportamento autolesivo na adolescência.	Revista Saúde	2019
SANTOS <i>et.al</i>	Automutilação na adolescência: compreendendo suas causas e consequências	Compreender o comportamento autolesivo durante a adolescência, buscando conhecer os fatores correlatos ao ato.	Temas em Saúde	2019

LOPES; TEIXEIRA	Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar	Discutir a automutilação e suas narrativas por adolescentes em contexto escolar.	Estilos da Clínica	2019
SANT'ANA	Autolesão não suicida na adolescência e atuação do psicólogo escolar: uma revisão narrativa	Abordar as possibilidades da atuação do psicólogo escolar frente ao comportamento autolesivo, buscando também contribuir para o conhecimento nessa área a partir da perspectiva crítica.	Revista de Psicologia da IMED	2019
MONTINI; STEPHAN	A prática da automutilação na adolescência	Realizar uma revisão de literatura sobre o tema da automutilação na adolescência.	Caderno Científico Unifagoc de Graduação e pós-Graduação	2019
SILVA; LIMA	Adolescência e as automutilações	Compreender através da literatura científica os principais fatores emocionais envolvidos no ato da automutilação em adolescentes.	Cadernos de Psicologia	2019
SAAD; MONTEIRO; SOUZA	Suicídio e comportamento autolesivo em crianças e adolescente	Discutir a questão das atitudes suicidas e parassuicidas entre crianças e adolescentes, seus fatores de risco e peculiaridades, a fim de se colaborar com o seu entendimento e prevenção.	Research, Society and Development	2020

MORAES <i>et.al</i>	Caneta é a lâmina, minha pele o papel: fatores de risco da automutilação em adolescentes	Descrever os fatores de risco que influenciam o comportamento da automutilação de adolescentes em atendimento em um Centro de Atenção Psicossocial Infanto Juvenil.	Revista Brasileira de Enfermagem	2020
LUCENA; HOLANDA; BELMINO	A dor que corta a pele e rasga a alma: o significado da autolesão em estudantes do ensino médio	Compreender os significados atribuídos aos comportamentos autolesivos com base nos relatos dos estudantes de uma Escola Pública de Ensino Médio do município de Mauriti-CE.	Brazilian Journal of Development	2020
SOUZA <i>et.al</i>	Dados epidemiológicos da automutilação em municípios da região da Mata Norte de Pernambuco	Fazer um levantamento de dados e uma caracterização do perfil epidemiológico dos casos notificados de automutilação em três cidades da região da Mata Norte de Pernambuco, a saber: Macaparana, Machados e Orobó.	Temas em Saúde	2020
KUBA <i>et.al</i>	A automutilação na adolescência	Compreender os fatores envolvidos na prática da automutilação em adolescentes.	Integración Académica en Psicología	2020

SANTOS <i>et.al</i>	Comportamentos autolesivos em adolescentes de escolas públicas	Verificar os adolescentes que apresentam comportamento autolesivo matriculados em uma escola pública na cidade de Caxias, Maranhão.	Adolescência & Saúde	2020
---------------------	--	---	----------------------	------

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2021).

A seguir, serão apresentados os resultados da análise bibliográfica realizada neste estudo.

### **Causas do comportamento autolesivo na adolescência**

Nesta seção, abordaremos a relação das causas associadas ao comportamento autolesivo de acordo com as pesquisas analisadas. Para Silva e Siqueira (2017) frente às consequências físicas, psicológicas e sociais da adolescência, os adolescentes passam a apresentar o comportamento autolesivo e, com isso, precisam esconder as lesões, como os cortes que realizam na pele. Assim, os adolescentes começam a utilizar roupas com manga longa, pulseiras, faixas, braceletes, etc. para esconder os cortes. Alguns estudos (SANTOS *et al.*, 2019; SANTOS *et al.*, 2020; SOUZA *et al.*, 2020) identificaram que há uma prevalência desse comportamento em pessoas do gênero feminino.

Lima, Barreira e Castilho (2017) afirmam que o comportamento autolesivo na adolescência está mais associado a variáveis de natureza psicológica. Esses dados confirmam os estudos de Fonseca e colaboradores (2018), ao referirem que os principais motivos para a autolesão foram aliviar sensações de vazio ou indiferença e cessar sentimentos ou sensações ruins. Nesse sentido, Raupp, Marin e Mosmann (2018) explicam que os diferentes sentimentos que surgem na adolescência, especialmente a raiva, provocam o comportamento autolesivo.

Santos e Faro (2018) apontam o histórico de abuso e/ou negligência parental, ou algum outro tipo de evento traumático ocorrido durante a infância como fatores que desencadeiam o comportamento autolesivo em adolescentes. Segundo estes autores, outros adolescentes possuem transtornos ou síndromes comórbidas, sendo a conduta autolesiva considerada um sintoma de tais patologias. Assim, para Santos e Faro (2018), o comportamento autolesivo tem íntima relação com o período do ciclo vital, isto é, na adolescência este comportamento emerge e é mais frequente, intenso e grave, podendo estar associado, também, a distorções cognitivas, disfunções emocionais e atuações contextuais conflituosas.

Tardivo e colaboradores (2019) apontam como causas do comportamento autolesivo traços de insegurança e a não adequação aos contextos sociais, bem como sentimentos de menos valia, o que demonstra a necessidade dos adolescentes serem cuidados e compreendidos. Estes sentimentos de inferioridade provocam angústia, ansiedade, tensões e traumas que também levam os adolescentes a agredirem a própria pele como uma forma de expressar aquilo que não é possível por meio de palavras (MONTINI; STEPHAN, 2019).

Silva e Lima (2019) explicam que a falta de controle emocional para lidar com a insegurança e as tensões cotidianas, associada a ausência de suporte familiar, desencadeia o comportamento autolesivo. Nessa perspectiva, Saad, Monteiro e Souza (2020) concluem que estes fatores podem induzir a um quadro de depressão, dentre outros transtornos mentais, o que aumenta a probabilidade de os adolescentes desenvolverem o comportamento autolesivo.

Para Moraes e colaboradores (2020), não somente a ausência de suporte familiar pode causar o comportamento autolesivo, mas a adversidade vivenciada na própria família, o que provoca um convívio social conturbado. Estes autores explicam, ainda, que acontecimentos adversos na vida, a participação em conflitos, o uso de drogas na família, conhecer alguém que se corta e querer imitar este comportamento, as relações estabelecidas em redes sociais, o histórico

de violência sexual, *bullying* e afiliação a algumas religiões podem provocar o comportamento autolesivo.

Souza e colaboradores (2020) nos mostram, em seus estudos, que as causas que levam à automutilação em adolescentes são transtornos/psicopatologias, causas não-especificadas e a vontade de escapar de situações conflituosas. Por sua vez, Kuba e colaboradores (2020) relatam que as motivações para a automutilação em adolescentes incluem desregulação emocional, a Internet como possível influência e a prevalência de transtorno de personalidade limítrofe. Este transtorno, também chamado de *borderline*, faz com que a pessoa tenha dificuldade de comunicar sentimentos, provocando ansiedade e depressão, o que acaba levando-a a episódios de automutilação.

Por fim, Santos e colaboradores (2020) concluíram, em pesquisa realizada, que os fatores associados ao comportamento autolesivo entre os adolescentes avaliados diziam respeito a serem do sexo feminino, viver com outro familiar, estar cursando o 3º ano do ensino médio, consumo de cigarros e de bebida alcoólica.

Portanto, diante da análise dos trabalhos acima, percebeu-se que o comportamento autolesivo tem grande frequência de associação ao sexo feminino, com várias causas que levam os adolescentes a o praticarem buscando a sensação de alívio para todas às questões que os afligem.

### **O comportamento autolesivo no contexto escolar**

O comportamento autolesivo é visto como o ato em que o indivíduo provoca danos em seu próprio corpo por meio de machucados, queimaduras, arranhões, consumo de bebidas em excesso e cigarros, mas sem a intenção de suicídio. Fonseca e colaboradores (2018) destacam a relevância de estudos sobre o comportamento autolesivo para o conhecimento do fenômeno entre adolescentes. Esses estudos podem contribuir para a construção de ações de políticas e programas preventivos, direcionados à problemática entre adolescentes (REIS *et al.*, 2019).

Para Montini e Sthepan (2019), a prática da automutilação se mostra um sério problema que exige a atenção de educadores, psicólogos e pais. Visando entender o que provoca o comportamento autolesivo relacionado ao contexto escolar, Santos e colaboradores (2020) realizaram estudo sobre adolescentes que estavam cursando o último ano do ensino médio e

observaram que estes são mais propensos a se auto intoxicarem com medicamentos. Para estes autores, tal fato pode ser devido à proximidade de enfrentar o vestibular para ingressar no Ensino Superior, o que os obriga a lidar com pressões e responsabilidades antes inexistentes, acarretando sobrecarga física e mental.

Assim, embora o *bullying* seja bastante apontado como uma das principais causas do comportamento autolesivo relacionado ao contexto escolar, outros diferentes fatores podem desencadear este comportamento. Por este motivo, os profissionais da educação devem estar atentos para às diversas ocorrências na escola, com o intuito de minimizar situações que podem contribuir para este comportamento (LUCENA; HOLANDA; BELMINO, 2020).

Para Silva e Siqueira (2017), quando estudantes passam a praticar a autolesão em seus corpos, pode-se notar mudanças no comportamento, por isso, é preciso que os professores estejam atentos a isto. Os autores explicam, ainda, que os adolescentes lançam mão desse tipo de comportamento para que possam redirecionar sua energia e buscar respostas para as suas perguntas e conflitos, e é na escola que esses comportamentos acabam por se evidenciar.

Nesse sentido, Lopes e Teixeira (2019) relatam que a automutilação na escola pode gerar consequências graves, tanto para o sujeito como para a instituição. Para os estudantes, entre as consequências estão a paralisação nas produções, a dificuldade de socialização e de se adaptar ao ambiente (LOPES; TEIXEIRA, 2019). Tardivio e colaboradores (2019), ao realizarem estudo com alunos que revelaram severas dificuldades em suas relações com outros, apontam que é necessário aprimorar os programas de prevenção ao comportamento autolesivo e de acolhimento aos adolescentes nas escolas.

Sant'Ana (2019) argumenta que os educadores não podem se eximir da responsabilidade de observar sinais que poderiam desencadear o comportamento autolesivo de relatar este comportamento para a família e órgãos oficiais da rede de proteção à infância e à adolescência, como, por exemplo, na realidade brasileira, o Conselho Tutelar, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Buscando prevenir o comportamento autolesivo e colaborar na construção de estratégias de ação, é primordial que as escolas tenham conhecimento sobre as características socioeconômicas dos alunos, ou seja, acerca das condições estruturais do bairro/localidade, dos recursos e serviços públicos ou privados, disponíveis ou não (como acesso à Internet a outras atividades sociais) no(s)

bairro(s) do entorno da escola, a fim de obter uma visão mais abrangente sobre a realidade social dos adolescentes (SANT'ANA, 2019).

Como estratégias de ação para a prevenção ao comportamento autolesivo, a escola pode pensar em medidas como palestras, conscientização dos alunos em sala, a abordagem do tema em reuniões de pais, orientando-os a buscarem ajuda profissional de um psicólogo, e a mobilização do Conselho Tutelar (SILVA; SIQUEIRA, 2017). Outras ações abrangem a possibilidade de que o estudante possa transitar por outros espaços que não somente a sala de aula, seja uma biblioteca, a sala de artes ou de música, oportunizando o acolhimento de um mal-estar do sujeito, ao invés de enquadrá-lo em um modelo de estudante posto como ideal (LOPES; TEIXEIRA, 2019).

A escola também pode fazer resistência ao modo de atuar dos adolescentes, utilizando-se, por exemplo, de um viés clínico na instituição, compreendendo o sujeito para além de um “fracasso” (LOPES; TEIXEIRA, 2019). De acordo com Santos e colaboradores (2020), as melhores práticas, nesse sentido, incluem a implementação de uma educação adequada em saúde mental, pelas escolas, e o desenvolvimento de planos terapêuticos contemplando estratégias de regulação emocional. É importante que o psicólogo escolar retire-se de sua sala e circule pelos espaços, procurando enxergar o que acontece no ambiente escolar para que estas ações sejam planejadas. Para Lopes e Teixeira (2019), deve haver uma escuta qualificada na escola, dando voz aos adolescentes para que possam produzir um saber sobre si que possibilite o entendimento de seu mal estar.

A escola possui responsabilidade em relação à sociedade, mas isso não significa que ela deve abraçar sozinha o problema do comportamento autolesivo. Além da escola, a família e o Estado, por meio, por exemplo, dos centros de saúde, podem desempenhar um papel muito importante na detecção precoce de jovens com distúrbios psicológicos e outros problemas que podem provocar o comportamento autolesivo (REIS *et al.*, 2019). Para isso, “é necessário o diálogo livre de preconceitos nas escolas, nos dispositivos de saúde e na família, configurando fatores de proteção para evitar essa prática que advém de diversos acontecimentos negativos ao longo da vida” (MORAES *et al.*, 2020, p. 1).

Sabemos que o papel do professor é desafiador, por isso, para que professores se sintam preparados para lidarem com diferentes problemas associados ao contexto escolar, e que podem levar adolescentes a desenvolverem comportamento autolesivo, é preciso que o tema seja discutido

na formação docente, inicial e continuada.

### **Considerações finais**

O comportamento autolesivo na adolescência é visto com vários significados, e é preciso atenção aos adolescentes que demonstrem este tipo de comportamento, atentando para as causas e o exame coerente destas.

Da análise dos trabalhos apresentados neste estudo, podemos constatar que estes convergem para os seguintes achados: há um crescimento no número de casos de comportamento autolesivo entre adolescentes e relacionados ao contexto escolar, principalmente ao ensino médio, e a maioria dos casos diz respeito ao sexo feminino.

Segundo os autores lidos, há várias causas que levam os adolescentes a praticarem o comportamento autolesivo, como fatores psicológicos, emocionais e familiares, e, dentre estes, se destacam os sentimentos de culpa, raiva, ansiedade, a depressão, o abuso sexual, a influência da Internet, o preconceito e o *bullying* nas escolas, os transtornos, o consumo de cigarro e de bebidas alcoólicas.

Outro aspecto abordado nas pesquisas é o fato de que nas escolas devem haver psicólogos escolares para fazerem uma anamnese com os alunos, identificando os possíveis problemas que muitos carregam consigo. Além disso, é preciso a implementação de uma educação adequada em saúde mental pelas escolas, com o desenvolvimento de planos terapêuticos que contemplem estratégias de regulação emocional e a presença de sala de artes ou de música. Nestes espaços, os estudantes poderiam ser acolhidos, relatando seu mal-estar.

De modo geral, sendo este estudo uma revisão bibliográfica, pode contribuir para outras pesquisas, além de apresentar informações relevantes para a comunidade escolar, ajudando-a a pensar sobre as causas e modos de prevenção do comportamento autolesivo entre os adolescentes.

### **Referências**

BRASIL. *Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990*. Estatuto da criança e do Adolescente. Brasília, DF. 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso: 03 ago. 2021.

CEDARO, José Juliano; NASCIMENTO, Josiana Paula Gomes. Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações. *Psicologia*, USP, v. 24, n. 2, p. 203-223, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/QV3pD3ctWG9jzsZSgg6n9WP/?lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2021.

CHAVES, Eliza Inácio; BROCK, Karine Ferreira; VOLPI, Sandra Mara Dall'Igna. Automutilação e relações subjetivas em adolescentes: contribuições da Psicologia Corporal. *In*: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2019. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: 27 jul. 2021.

FONSECA, Paulo Henrique Nogueira *et al.* *Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes*. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 70, n. 3, p. 246-258, 2018.

FORMIGLI, Vera Lúcia Almeida; COSTA, Maria Conceição Oliveira; PORTO, Lauro Antonio. Evaluation of a comprehensive adolescent health care service. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 16, n. 3, p. 831-841, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/rw7MVHbYWBsSpFb6cZkkXfy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2021.

GUERREIRO, Diogo Frasquilho; SAMPAIO, Daniel. Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. *Revista portuguesa de saúde pública*, v. 31, n. 2, p. 231-222, 2013.

JORGE, Joana Calejo; QUEIRÓS, Otília; SARAIVA, Joana. Descodificação dos comportamentos autolesivos sem intenção suicida: estudo qualificativo das funções e significados na adolescência. *Análise Psicológica*, v. 33, n. 2, p. 207-219, 2015. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/991/pdf>. Acesso em: 19 ago 2021.

KUBA, Célia *et al.* A automutilação na adolescência. *Integración Académica en Psicología*, v. 8, n. 22, p. 85-95, 2020.

LIMA, Luiza Isabel Gomes Freire Nobre; BARREIRA, Alexandra; CASTILHO, Paula. A influência de fatores sociodemográficos na expressão de comportamentos autolesivos não suicidários (NSSI) em adolescentes portugueses. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, v. 08, n. 1, p. 33-48, 2017. Disponível em: [http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/4598/1/rpca\\_v8\\_n1\\_2017\\_3.pdf](http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/4598/1/rpca_v8_n1_2017_3.pdf). Acesso em 19 fev. 2022.

LOPES, Lorena da Silva; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. *Estilos da Clínica*, v. 24, n. 2, p. 291-303, 2019.

LUCENA, Valéria Gonçalves; HOLANDA, Indira Feitosa Siebra; BELMINO, Marcus César de Borba. A dor que corta a pele e rasga a alma: o significado da autolesão em estudantes do ensino

médio. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 49595-49616, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/13665/11443>. Acesso em: 01 ago. 2021.

MONTINI, Luciana dos Santos; STEPHAN, Francesca. A prática da automutilação na adolescência. *Caderno Científico Unifagoc de Graduação e pós-Graduação*, v. 4, n. 2, 2019.

MORAES, Danielle Xavier *et al.* Caneta é a lâmina, minha pele o papel: fatores de risco da automutilação em adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, suppl 1, p. 1-9, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Relatório mundial sobre a prevenção da violência 2014*. São Paulo, SP: FAPESP.

RAUPP, Carolina Silva; MARIN, Angela Helena; MOSMANN, Clarisse Pereira. Comportamentos autolesivos e administração das emoções em adolescentes do sexo feminino. *Psicologia Clínica*, v. 30, n. 2, p. 289-308, 2018.

REIS, Marta Sofia Pereira dos *et al.* Comportamentos autolesivos nos adolescentes : resultados do estudo HBSC 2018. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, v. 10, n. 1, p. 207-217, 2019.

SAAD, Geógia; MONTEIRO, Bruno Massayuki Makimoto; SOUZA, José Carlos. Suicídio e comportamento autolesivo em crianças e adolescentes. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 10, p. 1-18, 2020.

SALLES, Leila Maria Ferreira; SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. *Cadernos de Educação*, n. 30, p. 149-166, 2008. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n30/09.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.

SANT'ANA, Izabella Mendes. Autolesão não suicida na adolescência e a atuação do psicólogo escolar: uma revisão narrativa. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, v.11, n.1, p.120-138, jun.2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S217550272019000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217550272019000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 21 fev. 2022.

SANTOS, Amanda Albino dos *et al.* Automutilação na adolescência: compreendendo suas causas e consequências. *Temas em saúde*, João Pessoa, p. 54-82, 2019. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=10525885981936844077&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=10525885981936844077&hl=pt-BR&as_sdt=0,5). Acesso em: 06 jul. 2021.

SANTOS, José Hermínio Rocha Magalhães *et.al.* Comportamento autolesivo em adolescentes de escola pública. *Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, p. 34-41, abr/jun. 2020.

SANTOS, Luana Cristina Silva; FARO, André. Aspectos conceituais da conduta autolesiva: Uma

revisão teórica. *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 1-10, 2018.

SILVA, Joice Kelly da; LIMA, Vera Helena. A Adolescência e as Automutilações. *Cadernos de Psicologia*, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2480/>. Acesso em: 04 fev. 2022.

SILVA, Michelle Fernanda de Arruda; SIQUEIRA, Alessandra Cardoso. O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais em Rolim de Moura – RO. *Revista Farol*, v.3, n.3, p. 5-20, 2017. Disponível em: <http://www.revistafarol.com.br/index.php/farol/article/viewFile/38/58>. Acesso em: 23 jul.2021.

SOUZA, Iandra Camila da Silva *et al.* Dados epidemiológicos da automutilação em municípios da região da Mata Norte de Pernambuco. *Temas em saúde*, v. 20, n. 2, p. 315-328, 2020.

TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury *et al.* Autolesão em adolescentes, depressão e ansiedade: um estudo compreensivo. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, v. 39, n. 97, p. 159-169, 2019.

TURNER, V. J. *Secret scars: uncovering and understanding the addiction of self-injury*. Center City, Minnesota: Hazelden, 2002.